



CURSO DE PSICOLOGIA

RONNY EDUARDO GOIS

**A NEGAÇÃO DA MORTE E O PROCESSO
DE ELABORAÇÃO DO LUTO: UMA VISÃO PSICANALÍTICA**

**Sinop/MT
2022**

RONNY EDUARDO GOIS

**A NEGAÇÃO DA MORTE E O PROCESSO
DE ELABORAÇÃO DO LUTO: UMA VISÃO PSICANALÍTICA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Banca Avaliadora do **Departamento de Psicologia** do Centro Educacional da Fasipe - UNIFASIPE como requisito para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Me. Márcia Cecília Ceribino

**Sinop/MT
2022**

RONNY EDUARDO GOIS

**A NEGAÇÃO DA MORTE E O PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO
LUTO: UMA VISÃO PSICANALÍTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Departamento de Psicologia do Centro Educacional Fasipe - UNIFASIPE, como requisito para a obtenção de Bacharel em Psicologia.

Aprovado em: ____/____/____

Márcia Cecília Ceribino
Professora Orientadora
Departamento de Psicologia –UNIFASIPE

Professor(a) Avaliador(a)
Departamento de Psicologia – UNIFASIPE

Professor(a) Avaliador(a)
Departamento de Psicologia – UNIFASIPE

Ana Paula Pereira Cesar
Coordenadora do Curso de Psicologia
Departamento de Psicologia - UNIFASIPE

DEDICATÓRIA

A todas as pessoas que, em minha trajetória, puderam contribuir para meu encontro à um sentido de vida.

Em especial, àquelas que me proporcionaram aprendizados e reflexões sobre a nossa existência individual e social.

AGRADECIMENTOS

- Aos meus pais, que me ajudaram a alcançar meus objetivos profissionais.
- À professora orientadora, que me instruiu para obter êxito neste trabalho.
- Aos demais professores, do curso de graduação, que nos transmitiram seus conhecimentos e muito contribuíram para nossa formação.
- Aos locais onde foram realizados os estágios, pela ajuda e disponibilidade de seus colaboradores.
- Aos meus amigos e meu parceiro, que me acompanham e me dão suporte emocional mutuamente.
- A todos que direta e indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho e permitiram o enriquecimento de minha aprendizagem.

EPIÍGRAFE

Pegamos um traço e carregamos uma lembrança.

Você será lembrado, falado, inscrito na velha, velhíssima cadeia simbólica que o bicho humano criou.

Ter a coragem de enfrentar a perda e se deixar ficar num lugar de falta. Se não de falta, ao menos de incompletude.

Aos vivos resta seguir. Com todos os outros e com os mortos que carregamos.

E aqueles aos quais convidaremos à vida também.

Maria Homem

GOIS, R. E. A Negação da Morte e o Processo de Elaboração do Luto: uma visão psicanalítica. 2022. 49f.

Trabalho de Conclusão de Curso – Centro Educacional Fasipe - UNIFASIPE

RESUMO

A morte é um acontecimento inerente à vida, que naturalmente causa algum tipo de medo no ser humano, porém a percepção que se tem desta é alterada conforme a cultura. Considera-se importante entender os motivos da morte e do luto causarem dor psíquica e entender o processo do luto, para que este não seja negligenciado. Desta forma, este estudo tem como objetivo apresentar as possíveis causas da negação tanto da própria morte quanto do outro, bem como a forma que a psicanálise trabalha a elaboração da perda de alguém que se tem um vínculo afetivo. Para isso, levou-se em consideração as bases teóricas da abordagem psicanalítica e as mudanças da cultura Ocidental das últimas décadas, em que o medo da morte se tornou mais presente. O método empregado neste estudo é baseado numa revisão da literatura de natureza descritiva e qualitativa, com fundamento em artigos do período entre 2013 e 2022 e livros relacionados ao tema, utilizando as palavras-chave: luto, melancolia, morte, negação, perda, psicanálise. Deste modo, tem-se o intuito de captar as teorias referentes a morte e ao luto e interpretar os conceitos relacionados, e assim pretende-se apresentar as possíveis causas da negação da morte e o processo de elaboração do luto. Em relação aos resultados, foi possível compreender que os fatores que interferem na negação da morte são as alterações culturais, como a evolução científica e tecnológica, que influenciaram na mudança do local de morte isolando o contato com ela, o narcisismo, que atua na estruturação psíquica sobre a percepção de si e de questões existenciais, e o heroísmo, que sustenta os valores sociais e objetivos de vida de cada sujeito. No luto, entende-se que há um bloqueio no investimento libidinal sobre a representação do objeto, visto que este não está mais presente, o que obriga o aparelho psíquico a buscar formas de lidar com a dor psíquica diante da realidade, e em sua elaboração a psicanálise proporciona um local de escuta, de acolhimento e de simbolização das perdas vivenciadas. Observa-se que, apesar do tema da morte ser antigo, pode-se dizer que há uma escassez de materiais sobre esse assunto na contemporaneidade, tendo um intervalo de tempo considerável entre os estudos.

Palavras-chaves: Luto. Morte. Psicanálise.

ABSTRACT

Death is an event inherent to life, which naturally causes some kind of fear in human beings, but the perception that one has of this is altered according to the culture. It is considered important to understand the reasons why death and mourning cause psychic pain and to understand the grieving process, so that it is not neglected. In this way, this study aims to present the possible causes of denial both of one's own death and of the other, as well as the way that psychoanalysis works with the elaboration of the loss of someone who has an affective bond. For this, we took into account the theoretical bases of the psychoanalytic approach and the changes in Western culture in recent decades, in which the fear of death has become more present. The method used in this study is based on a literature review of a descriptive and qualitative nature, based on articles from the period between 2013 and 2022 and books related to the theme, using the keywords: mourning, melancholy, death, denial, loss, psychoanalysis. In this way, the intention is to capture the theories referring to death and mourning and to interpret the related concepts, and thus it is intended to present the possible causes of the denial of death and the process of elaboration of mourning. Regarding the results, it was possible to understand that the factors that interfere in the denial of death are cultural changes, such as scientific and technological evolution, which influenced the change in the place of death, isolating contact with it, narcissism, which acts in the structuring psychic on self-perception and existential issues, and heroism, which sustains each subject's social values and life goals. In mourning, it is understood that there is a blockage in the libidinal investment on the representation of the object, since it is no longer present, which obliges the psychic apparatus to seek ways of dealing with psychic pain in the face of reality, and in its elaboration psychoanalysis provides a place for listening, welcoming and symbolizing the losses experienced. It is observed that, despite the theme of death being old, it can be said that there is a shortage of materials on this subject in contemporary times, with a considerable time interval between studies.

Keywords: Mourning. Death. Psychoanalysis.

LISTA DE TABELAS

Quadro I - Causas individuais e coletivas da negação da morte	34
Quadro II - Conceitos e aspectos psicológicos da recusa da morte	36
Quadro III - Concepções psicanalíticas sobre o processo de elaboração do luto	38
Quadro IV - Funcionamento do processo de elaboração do luto	39

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1 Justificativa	11
1.2 Problematização	12
1.3 Objetivos	13
1.3.1 Geral	13
1.3.2 Específico.....	13
1.4 Procedimentos Metodológicos	13
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1 Teoria Psicanalítica	15
2.1.1 Teoria do Trauma e da Libido.....	16
2.1.2 Modelo Econômico	17
2.1.3 Modelo Topográfico	18
2.1.4 Modelo Estrutural.....	20
2.2 Princípios Psicanalíticos Básicos	22
2.2.1 Pulsões	22
2.2.2 Princípio do Prazer e da Realidade.....	23
2.2.3 Princípio da Constância	23
2.2.4 Princípio da Compulsão à Repetição.....	23
2.2.5 Narcisismo Primário e Secundário	24
2.2.6 Princípio do Determinismo Psíquico	24
2.2.7 Processo Primário e Secundário	24
2.3 Morte, Indivíduo e Sociedade	25
2.3.1 Morte e Finitude	25
2.3.2 Narcisismo, Heroísmo e Cultura	28
2.3.3 Psicanálise e a Negação da Morte.....	31
2.4 Processo de Luto	32
2.4.1 Psicanálise e o Luto	33
2.4.2 Elaboração do Luto	35
3. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS	38
3.1 A Negação da Morte	38
3.2 O Processo de Elaboração do Luto	42
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	47

1. INTRODUÇÃO

A morte é um fato biológico, um acontecimento que todos os seres vivos terão que suportar um dia. Embora seja uma experiência universal, o entendimento sobre esta depende de vários fatores, fazendo com que o processo do morrer não seja o mesmo para todas as pessoas. Papalia e Martorell (2022, p. 557) comentam que o morrer “apresenta aspectos sociais, culturais, históricos, religiosos, legais, psicológicos, clínicos, éticos e de desenvolvimento que, com frequência, estão intimamente interligados”, e que alteram a forma de lidar com a perda de uma pessoa com quem se tem algum vínculo afetivo ou com o próprio perecimento.

Considerando os fatores citados e que estes alteram conforme os eventos históricos da humanidade, pode-se notar que na sociedade Ocidental há uma rigorosa aversão pela morte, que também pode ter influência do avanço das ciências biológicas, pois estas tem prolongado gradativamente a vida dos indivíduos com o objetivo principal de evitar o fim da vida.

Mesmo que o falecer esteja consciente na maioria das pessoas, pouco se discute sobre isso. Esquivam-se ao máximo para não entrar em contato com sentimentos decorrentes de dor psicológica, impedindo uma possível elaboração quando, inevitavelmente, precisarem entrar em contato com esta realidade. É natural do ser humano evitar o desprazer, porém quando isso ocorre de forma quase absoluta, o sofrimento resultante da perda pode ser mais difícil de sustentar, visto que há uma escassez de repertório psicológico e linguístico para suportar a angústia de separação.

Partindo do princípio psicanalítico do determinismo psíquico, entende-se que há uma explicação para cada processo mental, ou seja, há uma causa para cada pensamento, sentimento, memória lembrada ou ação, é importante também entender o porquê de uma separação ou um luto de uma pessoa, uma ideal, um objeto ou um desejo ter capacidade de provocar uma dor psicológica aguda a ponto de poder desencadear uma psicopatologia. E

sabendo disso, busca-se entender quais seriam os aspectos relacionados à elaboração deste desequilíbrio psíquico numa abordagem psicanalítica.

Entende-se que a questão da morte tem forte relação com uma estrutura psíquica originada pelo narcisismo e a construção social do heroísmo, sendo ambos aspectos intrínsecos do ser humano. Nas últimas décadas, ambos tem sofrido alterações em cada indivíduo e nas sociedades ocidentais devido os acontecimentos que fragilizam ideais sociais e crenças religiosas, como as guerras e a forma de criação dos jovens, fazendo estes questionarem e buscarem cada vez mais uma visão individual e particular de heroísmo.

1.1 Justificativa

Pode-se dizer que a negação da morte se refere a rejeição da finitude humana, sendo esta recusa consequência da insuportabilidade da dor da separação de um objeto, podendo este ser interno (idealizações, crenças, fantasias, etc.) ou externo (pessoas, objetos materiais, atividades, trabalho, etc.). O processo de elaboração do luto é um procedimento lento que exige um contato com sentimentos penosos e dolorosos. Papalia e Martorell (2022, p. 561) argumentam que “morrer, assim como viver, é uma experiência individual. Para algumas pessoas, a negação ou a raiva podem ser uma maneira mais saudável de enfrentar a morte do que a aceitação tranquila”.

Com isso, em razão das dificuldades decorrentes das inevitáveis perdas que todos passam em algum momento da vida, que afetam diretamente a saúde mental, é possível afirmar que este estudo é importante para a ampliação dos conhecimentos relacionados à morte e para o manejo técnico de profissionais que eventualmente atendem pessoas que estão em sofrimento devido a alguma perda.

Além disso, considerando que, de modo geral, a morte é evitada e pouco discutida pela maioria das pessoas, esta pesquisa pretende contribuir para a verbalização deste assunto e para a valorização do diálogo entre os indivíduos após uma perda significativa, repentina ou prevista.

Ainda, em decorrência dos acontecimentos atuais como a Pandemia da COVID-19, que, no Brasil, resultou a morte de mais de 680 mil pessoas (BRASIL, 2022) sem a oportunidade de realizar qualquer modalidade de ritual presencialmente para a despedida dos que se foram, e os diversos desastres ambientais que têm tirado vidas, pode-se enfatizar que há uma alta demanda por acolhimento e amparo de indivíduos que vivenciam separações

vinculares e materiais. O luto tem uma média de duração, porém quando este episódio é negligenciado, é possível que se torne patológico.

Em suma, o falecer é um fato naturalmente difícil de lidar, enfrentar esta realidade pode ser ainda mais doloroso quando não se tem alguém para compartilhar os sentimentos. O conhecimento desta pesquisa pode ser significativo para toda a sociedade, pois pode proporcionar reflexões sobre as limitações individuais, sobre o fim e a forma de atravessar um momento de angústia. Este estudo pode auxiliar na comunicação transgeracional das famílias, no suporte das relações interpessoais e na humanização de cada um.

1.2 Problematização

O morrer é uma experiência que pode afetar profundamente tanto quem está nesse processo quanto os familiares, amigos e profissionais da saúde que acompanham esta etapa. Quanto maior o vínculo afetivo se tem com a pessoa que está falecendo, maior será a dor psicológica da perda. E aqui não se diz “psicológica” na tentativa de amenizar esta condição, é importante considerar que além da angústia ter um poder destrutivo tão intenso quanto o sofrimento físico, ela pode ter uma longa durabilidade, levando meses ou anos para a recuperação dependendo das condições particulares e dos recursos disponíveis para cada indivíduo.

Sabe-se que a morte pode ser sentida de forma diferente em cada sujeito, situação, família, religião, geração, tempo cronológico, grupo social e cultura. As perspectivas pessoais e coletivas sobre este acontecimento têm sido alteradas nas últimas décadas, sobre influência de catástrofes causadas pelo próprio homem que também pode ter induzido a um declínio das crenças religiosas, e de uma supervalorização do individualismo que o sistema socioeconômico ocidental incentiva.

Diante das dificuldades, é natural do ser humano buscar a adaptação e a sobrevivência, porém isso pode gerar um medo do perecimento, e não significa que conseqüentemente há a recusa da morte. O último está fortemente presente na sociedade ocidental atual, visto que o sentimento básico de valor humano, de heroísmo e de pertencimento a um grupo foi prejudicado com o passar das décadas.

Becker (2021, p. 24) argumenta que “só as sociedades que hoje são chamadas de “primitivas” proporcionaram esse sentimento a seus membros”, o que indica que evitar entrar em contato com o processo de morte, tanto o próprio quanto o alheio, é algo

quantitativamente maior nesta época do que em outras eras em que se tinha um heroísmo mais estruturado.

Levando em consideração que o narcisismo e o heroísmo são conceitos semelhantes e têm relação direta com a autoestima e a valorização de si, bem como a autopreservação e objetivos de vida particulares e sociais, questiona-se: Na perspectiva psicanalítica, como ocorre a negação da morte e o processo de elaboração do luto?

1.3 Objetivos

1.3.1 Geral

Apresentar um estudo sobre a negação da morte e o processo de elaboração do luto na visão psicanalítica.

1.3.2 Específico

- Saber as causas individuais e coletivas da negação da morte;
- Conhecer os conceitos e aspectos psicológicos da recusa da morte;
- Entender as concepções psicanalíticas sobre o processo de elaboração do luto;
- Compreender o funcionamento do processo de elaboração do luto.

1.4 Procedimentos Metodológicos

Nesta monografia, foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa, visto que se tem como base a interpretação dos conceitos e fenômenos psicológicos e sociais relacionados a morte e ao luto. Foi descrito com fundamentação de livros e artigos de natureza descritiva, e com base bibliográfica. No presente estudo, foram elaboradas a escolha do tema, a busca de fontes, a leitura do material, a organização e planejamento da revisão bibliográfica, levantamento bibliográfico, formulação de problema e construção do texto. Com isso, buscou-se entender as possíveis causas de uma maior negação da morte de si e do outro na atualidade, e compreender como a psicanálise trabalha a elaboração do luto.

Segundo Gil (2010), a pesquisa bibliográfica se desenvolve através de algumas etapas, sendo estas: a escolha do tema, o levantamento bibliográfico preliminar, a formulação do problema, a elaboração do plano provisório de assunto, a busca das fontes; a leitura do

material e fichamento; a organização lógica do assunto e redação do texto. A pesquisa qualitativa tem por objetivo interpretar e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social, no sentido de reduzir a distância entre a teoria e os dados. (NEVES, 1996).

Foram realizadas pesquisas por livros de psicanálise e psicologia, e periódicos científicos publicados nos últimos dez anos, ou seja, entre 2013 e 2022, em sites de mecanismo de buscas (Google Acadêmico) e sites especializados de revistas e periódicos científicos, como o *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e o Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC). Puderam ser escolhidos livros de base psicanalítica, e os artigos serão selecionados dentro do período mencionado e a partir dos conteúdos relacionados ao luto, à psicanálise, à morte e às perspectivas da cultura sobre o morrer, utilizando as palavras-chave: luto, melancolia, morte, negação, perda, psicanálise.

O levantamento bibliográfico do tema proposto foi feito através da literatura de textos que falam sobre a negação do morrer e do luto e as influências da cultura sobre a morte, destacando-se Ernest Becker e Sigmund Freud. Também foi feita a análise das formulações teóricas, o planejamento e a organização das ideias, com o objetivo de ampliar o aprendizado e o amadurecimento no campo de estudo a partir das perspectivas dos autores, a fim de possibilitar uma maior compreensão das pesquisas sobre o tema proposto.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste item, discorre-se sobre as concepções dos autores em relação ao morrer e ao luto, porém, antes disso, considera-se necessário abordar as bases teóricas da Psicanálise, para que se tenha uma compreensão mais ampla dos fenômenos da morte, visto que há termos técnicos que precisam ser explicados para que se tenha um maior entendimento deste trabalho.

2.1 Teoria Psicanalítica

A Psicanálise é uma ciência originada por Sigmund Freud no início do século XX. Baseando-se na observação de pacientes psiquiátricos, ele desenvolveu durante sua vida teorias e técnicas para o tratamento dos transtornos mentais. A partir disso, uma grande variedade de abordagens psicoterapêuticas foi elaborada desde então para o tratamento de psicopatologias de questões emocionais (CORDIOLI; GREVET, 2019).

Sigmund Freud, nascido em 1856, iniciou aos 17 anos sua formação médica na cidade de Viena, na Áustria. A medicina desta época era quase que inteiramente estruturada em bases biológicas, muito pouco interessada na psicologia que então era abordada pelos filósofos (ZIMERMAN, 2014). Apesar disso, alguns médicos da época começaram a observar que haviam pacientes que apresentavam patologias sem causas biológicas. Charcot, Janet e Bernheim investigavam estes pacientes por meio da hipnose (MCWILLIAMS, 2014).

De acordo com Zimmerman (2014), na década de 1880, Freud conseguiu fundos de uma bolsa para estagiar e acompanhar Charcot no tratamento de pacientes classificadas como “histéricas”, e dois aspectos impressionavam a Freud: a existência da histeria em homens e a observação da dissociação da mente, induzida pela hipnose.

O notável neurologista J. Breuer relatou a Freud o método de base hipnótica que ele empregava com a sua jovem paciente histérica que entrou na história com o nome de Ana O. (cujo verdadeiro nome era Berta Pappenheim). Esta paciente, durante o estado de transe, recordava uma série de ocorrências traumáticas ocorridas num passado remoto, obtendo com isto um grande alívio sintomático, e Breuer denominou este novo método terapêutico de catarse, ou ab-reação. [...] As sementes do interesse pelo hipnotismo despertadas pelo relato de Breuer ficaram plantadas no jovem Freud e motivaram-no a aprender com Charcot a ciência do hipnotismo (ZIMERMAN, 2014, p. 22).

O fato de acontecimentos não poderem ser recordados pela vontade do indivíduo, mas causarem sintomas e interferem no comportamento levou Freud a estabelecer a existência de uma instância inconsciente da mente (CORDIOLI; GREVET, 2019). Apesar de seu período de estágio e de experiência com hipnose, Freud havia reconhecido sua limitação com esta prática, por isso resolveu experimentar a possibilidade de que a “livre associação de idéias” pudesse obter o mesmo efeito catártico (ZIMERMAN, 2014).

Zimerman (2014, p. 23) comenta que durante o tratamento da paciente Elisabeth Von R, Freud percebeu que as barreiras contra o recordar e associar provinham de forças que não eram controláveis, não agiam de forma consciente e que funcionavam como verdadeiras resistências involuntárias. O autor acrescenta que este fato estabeleceu uma marcante ruptura epistemológica, visto que Freud começou a cogitar que essas resistências correspondiam a repressões daquilo que estava proibido de ser lembrado.

O conflito psíquico passou a ser concebido como resultante do embate entre as forças instintivas e as repressoras, sendo que os sintomas se constituíram como sendo a representação simbólica deste conflito inconsciente. Esta concepção inaugura a psicanálise como uma nova ciência, com referências teórico-técnicas próprios, específicos e consistentes (ZIMERMAN, 2014, p. 23).

Neste trabalho, para a compreensão e contextualização dos processos mentais relacionados à morte, considera-se importante apresentar as principais teorias desenvolvidas por Freud.

2.1.1 Teoria do Trauma e da Libido

Zimerman (2014, p. 117) diz que o conceito de “trauma” tem um significado equivalente ao estado de desamparo. Esta teoria foi elaborada pela lógica dos modelos da eletrodinâmica e da hidrodinâmica presentes na ciência da época. A libido foi definida como a manifestação psicológica do instinto sexual.

Através da observação clínica de pessoas histéricas, Freud considerou que as situações traumáticas impostas pela realidade externa eram as responsáveis pelos sintomas, produzindo fantasias inconscientes e pulsões na formação da neurose (CORDIOLI; GREVET, 2019).

Freud explicava a histeria como consequência de a energia sexual ser impedida de se libertar através de sua saída natural e fluida, ficando presa em certos pontos e se manifestando através de diversos sintomas. Freud chegou à conclusão de que as neuroses teriam sua causa num aspecto “econômico” da energia psíquica, ou seja, numa repressão quantitativa da libido sexual (ZIMERMAN, 2014).

No início da Psicanálise, a cura consistiria em lembrar o que estava esquecido. Esta fórmula continua sendo considerada válida na psicanálise atual, pois se observa que a melhor forma de esquecer é lembrar. A diferença é que na época de Freud este relembra visava unicamente a uma ab-reação ou uma catarse por meio da verbalização dos fatos traumáticos e dos sentimentos ligados às lembranças, hoje o objetivo é também uma ressignificação dos significados atribuídos aos traumas que o paciente relata durante o tratamento (ZIMERMAN, 2014).

A primeira concepção de Freud sobre a etiologia da psicopatologia dizia respeito à ocorrência de um abuso sexual acontecido no início da infância e que estava reprimido no inconsciente. Pouco tempo depois, ele percebeu que as coisas não se passavam tão simplesmente assim, e que os relatos nem sempre condiziam com a realidade dos fatos, mas sim que eles apareciam distorcidos pelas fantasias inconscientes (ZIMERMAN, 2014).

A concepção da “teoria do trauma” foi perdendo a sua relevância, porém ela volta a ganhar uma relevância na contemporaneidade, para a explicação das neuroses traumáticas e atuais e para o problema dos traumas da infância realmente acontecidos que podem ter produzido um intenso estado psíquico de desamparo (ZIMERMAN, 2014).

2.1.2 Modelo Econômico

Para Freud, a pulsão parte do entendimento de um elemento quantitativo da economia psíquica, segundo a sua hipótese que explicaria o funcionamento do aparelho psíquico a partir dos modelos científicos da física mecânica desenvolvida na sua época. Os processos mentais se baseariam na circulação e distribuição de uma energia pulsional, nomeada como “catéxia”, que sofre a ação de uma “contracatéxia”. Esta pode ser entendida

como mecanismos defensivos, criam “resistências” que, assim como as pulsões, são inconscientes (ZIMERMAN, 2014).

A maior crítica que se faz contra esse ponto de vista econômico decorre justamente do fato de que ele foi elaborado por Freud a partir daquelas concepções fiscalistas que surgiram no final do século XIX, quando, além dos princípios e leis da hidráulica, também ocorreram a descoberta da eletricidade e do neurônio, de modo que Freud estabeleceu a concepção de que uma energia física percorria as vias nervosas neuronais, tal como a energia elétrica percorre pelos fios, sendo que em algum momento de sua obra ele chegou a evidenciar a sua esperança de que no futuro a energia psíquica poderia vir a ser quantificada. Penso que, mesmo restrito aos conhecimentos da época, esses permitiriam que Freud pudesse estender a sua concepção para o fato da “potencialidade” da energia, ou seja, assim entendo, da sua transformacionalidade, tal como acontece, por exemplo, com a metáfora de uma queda d’água que tanto pode arrasar uma lavoura próxima, como também pode dar vida e crescimento à mesma se ela for adequadamente drenada; ou ela pode-se transformar em energia elétrica, e daí em térmica, luminosa, etc (ZIMERMAN, p. 82, 2014).

O modelo econômico tem o objetivo de estudar a forma que a energia psíquica circula na mente e entre as diferentes instâncias, bem como o modo que ela é investida nos objetos e nas representações (BERGERET, 2006).

2.1.3 Modelo Topográfico

Ao perceber que a teoria do trauma era insuficiente para explicar diversos aspectos psicológicos, Freud elaborou a teoria topográfica, em que foi proposto uma divisão da mente em três áreas: inconsciente, pré-consciente e consciente. Desta forma, criou-se o paradigma técnico de tornar consciente o que está no inconsciente. Freud utilizou a palavra “aparelho” para nomear a organização psíquica dividida em instâncias, com funções específicas para cada uma delas e que estão interligadas entre si (ZIMERMAN, 2014).

No mesmo sentido, Cordioli e Grevet (2019, p. 223) argumentam que a partir da elaboração desta teoria, o conflito psíquico de origem inconsciente é representado na parte consciente da mente em sintomas, em que há um embate entre as pulsões e as forças repressoras.

A partir da formulação deste modelo, houve transformações na abordagem dos processos mantais: a psicanálise deixou de ser uma investigação e uma busca de solução de cada sintoma separadamente; a descoberta e a formulação do princípio da multideterminação ou do determinismo psíquico; o paciente é quem passou a tomar a iniciativa de propor o assunto de sua sessão, associando mais livremente; o analista substituiu a atitude de se

comportar como um investigador ativo e diretivo por uma atitude mais compreensiva da dinâmica do sofrimento do analisando; o abandono total da técnica da hipnose e da sugestão devido à percepção de Freud de que as mesmas encobriam a existência de resistências, que são consequências de repressões (ZIMERMAN, 2014).

O Sistema Consciente tem a função de receber informações das excitações originadas do exterior e do interior, que ficam registradas qualitativamente de acordo com o prazer ou desprazer que elas causam, porém ele não retém esses registros e representações como depósito ou arquivo deles. Maior parte das funções do ego, como as de percepção, pensamento, juízo crítico, evocação, antecipação, atividade motora, entre outras, são processadas na parte consciente da mente (ZIMERMAN, 2014).

Nesta lógica, Bergeret (2006, p. 55) comenta que o Consciente tem a função de registrar de forma qualitativa as informações e os conteúdos do ambiente e perceber as sensações internas de prazer e desprazer.

A instância Pré-consciente foi compreendida como estando articulado com o consciente e funciona como uma forma de “peneira” que seleciona aquilo que pode, ou não, passar para o consciente. Também atua como um pequeno arquivo dos registros, de modo que ela proporciona a função de conter as “representações-palavra”, que consiste num conjunto de inscrições da memória de elementos verbais ouvidos e que foram significados pela criança (ZIMERMAN, 2014).

Essa formação de “representação-palavra” é diferente da “representação-coisa”, porquanto esta última opera no inconsciente e suas inscrições não podem ser nomeadas ou, tampouco, lembradas voluntariamente, enquanto a característica mais marcante do sistema Pré-Consciente é a de que os seus conteúdos, ao contrário do Inconsciente, podem ser recuperados por meio de um voluntário ato de esforço (ZIMERMAN, 2014, p. 83).

Seu conteúdo não está presente na área Consciente, porém pode ser acessível mais facilmente do que os conteúdos do Inconsciente. Assim como o Consciente, o Pré-consciente também atua com o processo secundário, em que a energia psíquica não está livre, e sim ligada à uma representação de palavra, e acompanhado pelo princípio de realidade (BERGERET, 2006).

O Inconsciente caracteriza a parte mais primária do aparelho psíquico, onde existem as pulsões e que possui uma herança genética, somado às respectivas energias e com fantasias primitivas. Além disso, esta instância consiste num depósito de repressões secundárias, as

quais chegaram a se apresentarem de forma disfarçada no consciente, como nos sonhos ou sintomas, e voltam a ser reprimidas para o inconsciente (ZIMERMAN, 2014).

Como foi dito, uma função que opera no sistema Inconsciente e que representa uma importante repercussão na prática clínica é que ela contém as “representações de coisa”, as quais consistem em uma sucessão de inscrições de primitivas experiências e sensações provindas de todos os órgãos dos sentidos, como o da visão, audição, tato, etc., e que ficaram impressas na mente da criança numa época em que ainda não haviam palavras para nomeá-las. Funcionalmente, o Inconsciente opera segundo as leis do “processo primário” e, além das pulsões do id, esse sistema também opera muitas funções do ego, bem como do superego (ZIMERMAN, p. 83, 2014).

Assim, Bergeret (2006) argumenta que o Inconsciente é a parte mais arcaica do aparelho psíquico e que está mais próxima da origem das pulsões. É caracterizado pelo processo primário e regido pelo princípio do prazer, em que se tem energia livre e que tende a ser descarregada de forma imediata e direta.

2.1.4 Modelo Estrutural

Conforme se aprofundava na dinâmica psíquica, Freud novamente encontrava impasses com as limitações da teoria topográfica, e a ampliou com a concepção de que a mente se manifestava como uma estrutura, em que demandas, funções e proibições interagiam constantemente e de forma sistemática entre si e com a realidade externa. Assim, ele concebeu uma estrutura tripartite, composta por: Id, de onde vem as pulsões; Ego, com o seu conjunto de funções e de representações; e Superego, com as ameaças, castigos e exigências aprendidas pelas experiências com o mundo externo. Neste modelo, o paradigma técnico da psicanálise foi formulado por Freud como: “onde houver Id (e Superego), o Ego deve estar” (CORDIOLI; GREVET, 2019).

No mesmo sentido, Zimerman (2014, p. 83) argumenta que a palavra “estrutura” significa um conjunto de elementos que separadamente tem funções específicas, porém que são interagem entre si de forma permanente e se influenciam reciprocamente.

O Id é considerado uma instância psicobiológica da personalidade, constituída pelas pulsões. Está localizada no inconsciente, é um reservatório e uma fonte de energia psíquica, regido pelo princípio do prazer e pelo processo primário. Em sua dinâmica, o Id interage com o Ego e com os objetos internos e externos, ou seja, com os aspectos e conteúdo da realidade interior e exterior (ZIMERMAN, 2014). Entende-se que os processos que se desenvolvem no

Id não obedecem às leis lógicas do pensamento, atuando como o polo pulsional do aparelho psíquico (BERGERET, 2006).

O Ego é a principal instância psíquica, visto que funciona como mediadora, integradora e harmonizadora entre as pulsões do Id, as exigências e ameaças do Superego e as demandas da realidade exterior. Considera-se que o Ego tem funções essenciais, maior parte delas, como as de percepção, pensamento, atenção, discriminação, juízo crítico, evocação de memórias, antecipação, atividade motora, entre outras, são processadas na parte consciente da mente. Além disso, possui um conjunto de atividades inconscientes, como a produção de angústias, mecanismos de defesa, fenômenos de identificações, formação de símbolos e representações. Esta última determina a imagem que o sujeito tem de si mesmo e que estruturam o seu sentimento de identidade e de autoestima (ZIMERMAN, 2014).

Se comparado ao Id, o Ego seria considerado o polo defensivo contra as pulsões, construindo, em alguma medida, um controle sobre o primeiro durante o desenvolvimento. Além disso, o Ego possui uma parte inconsciente, onde se elabora os mecanismos de defesa (BERGERET, 2006).

A instância psíquica nomeada como “Superego” é a responsável pelas introjeções e identificações que a criança faz com aspectos parciais dos pais, com suas proibições, exigências, ameaças, mandamentos, padrões de conduta e o tipo de relacionamento desses pais entre si. É importante considerar o aspecto da transgeracionalidade, que diz respeito ao fato de que o superego dos pais de um indivíduo está identificado com a de seus avós, e assim sendo herdado numa escalada de muitas gerações. Isso inclui na formação do Superego os valores morais, éticos, ideais, preconceitos e crenças ditadas pela cultura na qual o sujeito está inserido (ZIMERMAN, 2014).

Para Bergeret (2006, p. 60), o Superego pode também assumir uma função de auto-observação, relativo à percepção da própria posição do indivíduo, de consciência moral e censura, relacionado ao sentimento de culpa, e de ideal, que se refere ao sentimento de inferioridade (BERGERET, 2006).

O Superego indica uma estrutura fundamental para a normatização e delimitação da conduta de cada indivíduo. Também se refere ao aprendizado de características rígidas, autoritárias e eventualmente cruéis, que de diversas formas de ameaças obrigam o sujeito a seguir mandamentos passados entre as gerações daquilo que ele pode ou não pode, deve ou não deve fantasiar, desejar, pensar, preferir, dizer, fazer e ser (ZIMERMAN, 2014).

2.2 Princípios Psicanalíticos Básicos

De acordo com Zimerman (2014, p. 77), o termo “princípio” é frequentemente utilizado pelas ciências para denominar um “ponto de partida” para a elaboração de um sistema ideativo-cognitivo de forma lógica. Deste modo, no campo da psicologia e da psicopatologia, considerando as concepções de Freud, podemos considerar os seguintes princípios do psiquismo.

2.2.1 Pulsões

A pulsão representa o conceito de algo que é limite entre o somático e o psíquico, ou seja, entre o corpo e a mente. Caracteriza o aspecto psíquico das excitações que vem do interior do corpo e que chegam ao psiquismo. É uma fonte de energia que estimula o organismo a partir de necessidades vitais interiores e o motiva a executar a descarga desta força para um determinado alvo. O conteúdo desta força energética só pode ser conhecido por meio dos seus representantes psíquicos, e assim o indivíduo vai construindo o seu mundo interno de representações (ZIMERMAN, 2014).

Para Bergeret (2006, p. 64), existem dois tipos de estímulos: os exteriores e descontínuas, em que se pode usar o recurso da fuga ou da evitação; e os endógenos, que tendem a ser mais contínuo e sendo visto como necessidade, visto que não há possibilidade de se esquivar. Estes últimos seriam considerados como pulsões (BERGERET, 2006).

A palavra pulsão (empregada por Freud com o termo original alemão *trieb*) alude a necessidades biológicas, com representações psicológicas, que urgem em ser descarregadas, sendo que é necessário distingui-lo de instinto (tradução do termo *instinkt*, que também aparece na obra de Freud, embora poucas vezes), o qual designa mais explicitamente fixos padrões hereditários de comportamento animal, típicos de cada espécie. Na literatura psicanalítica, eventualmente a noção de “pulsão” pode aparecer com a terminologia de “impulsos” ou de “impulsos instintivos” (ZIMERMAN, 2014, p. 77).

Zimerman (2014, p. 117) acrescenta que a pulsão envolve a existência de quatro fatores: uma fonte, que é resultado dos estímulos corporais; uma força, que determina o aspecto quantitativo da energia psíquica; uma finalidade, que está relacionada à descarga de energia com o objetivo de adquirir um estado de equilíbrio psíquico; e um objeto, que é o destino das pulsões, capaz de satisfazer este estado de tensão interna causada pelos estímulos.

2.2.2 Princípio do Prazer e da Realidade

De acordo com Zimerman (2014, p. 78), Freud considerava que o aparelho psíquico busca a gratificação sexual e descarregar os estímulos que causam o desprazer, ou seja, entende-se que a mente atua para conseguir prazer e para evitar o que provoca angústia.

Bergeret (2006) aponta o princípio do prazer como um direcionamento de energia psíquica que tem como objetivo atingir a satisfação desejada. Sabendo que essa satisfação não conseguirá atingir totalmente as expectativas do sujeito, devido as frustrações internas por questões socioculturais, é nesse instante que o princípio da realidade se manifesta como uma censura interna que impede que o indivíduo infrinja aspectos morais e éticos.

Deste modo, o princípio do prazer se refere ao conceito de que as pulsões demandam uma satisfação imediata, sem levar em conta a realidade exterior. Essa necessidade de adquirir prazer sempre acaba sendo frustrante e decepcionante pois ela não suporta as exigências e obrigações da realidade, então entra em choque com o princípio de realidade. Freud descreveu o surgimento de estes princípios de uma forma gradativa e sequencial, mas na atualidade se considera que ambas as regras estão sempre presentes de forma simultânea e interagem ao longo de toda a vida (ZIMERMAN, 2014).

2.2.3 Princípio da Constância

Devido a necessidade de se livrar dos estímulos que causam frustração, quando está dominado pelo princípio do prazer, a mente tende a ter uma necessidade de buscar um equilíbrio das tensões orgânicas resultantes de diversas partes do próprio organismo humano. O princípio da Constância propõe a obtenção da menor tensão psíquica possível, tanto por meio do recurso da evitação e afastamento da fonte de estímulos que geram ansiedade, como também através da descarga das pulsões para que se possa compensar o máximo possível e tornar uma experiência mais suportável (ZIMERMAN, 2014).

2.2.4 Princípio da Compulsão à Repetição

Freud constatou que a compulsão repetitiva procedia de uma intensa força originadas do interior do indivíduo. Distinguindo das pulsões de vida ou eróticas que estavam relacionadas à autopreservação e energia sexual, ele postulou a existência de uma pulsão de morte que está associada à conteúdos destrutivos e agressivos, tanto para si mesmo quanto

para fora do organismo, e que se repete de forma compulsória como uma forma primacial de fazer o organismo vivo voltar ao estado inorgânico anterior da matéria (ZIMERMAN, 2014).

A violência da imagem ou da experiência que se repete freneticamente, aliada a uma impossibilidade de simbolização é o que se nomeia em Psicanálise como compulsão à repetição. Na impossibilidade de elaborar a fantasia, o indivíduo a repete, e na impossibilidade de representar um afeto, ele o atua compulsivamente até a exaustão. Assim, é o corpo que toma as dores do psiquismo traumatizado e paralisado (CAMPOS, 2013).

2.2.5 Narcisismo Primário e Secundário

Zimerman (2014, p. 79) argumenta que o narcisismo primário é uma etapa do desenvolvimento infantil em que a criança utiliza de seu próprio corpo como sendo ao mesmo tempo uma fonte e um objeto da libido sexual.

O narcisismo secundário alude a uma forma de regressão da energia pulsional, em que, após as pulsões terem sido investidas nos objetos externos, sofre um desinvestimento libidinal, geralmente em consequência das fortes decepções com os objetos externos provedores, e retornam ao seu lugar original, o próprio Ego (ZIMERMAN, 2014).

2.2.6 Princípio do Determinismo Psíquico

Este princípio se refere ao fato de que na mente nada acontece ao acaso, sendo que cada acontecimento psíquico é determinado por outros que o precederam, de modo que há uma continuidade na vida mental (ZIMERMAN, 2014).

Também está relacionado à um modelo de multicausalidade, em que Freud postula a ideia de que várias causas podem produzir um mesmo efeito, ou uma mesma causa pode produzir vários e diferentes efeitos, ou seja, as manifestações psicológicas que parecem ser originadas do acaso estão determinadas por uma múltipla causalidade (ZIMERMAN, 2014).

2.2.7 Processo Primário e Secundário

O processo primário é definido como um fácil deslocamento e descarga da libido. As diversas cadeias de representações com seus respectivos significados inconscientes produzem o que se denomina como condensação, que pode ser entendido como uma representação única ou um determinado sintoma. A partir disso, podem reunir todos os significados de uma cadeia

associativa, que podem produzir novos deslocamentos e assim sucessivamente (ZIMERMAN, 2014).

No processo secundário, a energia psíquica está presa e circula de forma mais compacta, ligada a alguma representação psíquica que se situa no pré-consciente ou no consciente. Enquanto no processo primário as energias fluem livremente sem encontrar barreiras, visto que elas seguem as leis que regem o inconsciente e o princípio do prazer, no processo secundário as energias psíquicas, com as respectivas significações e representações, agem ligadas ao princípio da realidade e determinam uma lógica do pensamento (ZIMERMAN, 2014).

2.3 Morte, Indivíduo e Sociedade

Neste item, trata-se sobre a própria morte do indivíduo, bem como as possíveis causas da recusa da morte que, se comparado a outras épocas, está mais presente na contemporaneidade.

2.3.1 Morte e Finitude

Pode-se dizer que morte é um fato biológico que envolve diversos aspectos biopsicossociais que alteram as perspectivas e a forma de lidar com este processo. Papalia e Martorell (2022, p. 557-558) argumentam que durante a história da humanidade até o século XX a morte era vista como um acontecimento comum e mais aceitável do que no período contemporâneo.

Para Xu et al. (2018 apud PAPALIA; MARTORELL, 2022, p. 557) o avanço das ciências da saúde e saneamento básico que iniciou no fim do século XIX trouxe grandes mudanças na expectativa de vida das populações até a atualidade, muitas doenças que antes causavam a morte dos jovens não são tão fatais hoje, e assim o morrer se tornou mais frequente após os 65 anos de idade.

De acordo com Aries (2003 apud CAMARA; BASSANI, 2018) há uma dificuldade da época atual de lidar com a morte, que se difere do comportamento de outros períodos, em que o morrer era encarado como natural e até esperado dentro no ambiente familiar.

No mesmo sentido, conforme Campos (2013), é possível perceber uma gradual mudança no modo que a morte tem sido significada no Ocidente, pois a concepção de uma morte que possuía uma grande diversidade de símbolos e rituais que determinavam um espaço

social para a morte foi aos poucos perdendo espaço para práticas que tendiam a isolar a morte do processo da vida. Segundo o autor, esta pode ser uma das possíveis causas da dificuldade de elaboração do morrer e do luto na atualidade, além do avanço da medicina e tecnologia que pode ter provocado um distanciamento sobre o tema da morte entre os indivíduos.

Para Medeiros e Fortes (2019) a morte é mais do que apenas a destruição do ser físico e biológico, é o desaparecimento do ser em sua relação íntima e particular com o outro, como membro de uma sociedade. Segundo os autores, a consciência da morte é importante como movimento de valorização da vida e de preservação de si e, na medida em que toca a individualidade, diz respeito também à coletividade, pois todos são membros de uma cultura.

Seguindo esta lógica, é possível afirmar que a morte é um fenômeno que o ser humano teme e evita tratar desse assunto. A morte deixou de ser vista como algo natural que está inserido no contexto de todas os indivíduos e passou a ser tratada como um tabu, que todos se esquivam de falar ou comentar nos meios sociais, e assim só se reflete sobre isto nos velórios, nas emoções e sentimentos, e nas manifestações do luto (FARIA; FIGUEIREDO, 2017).

Medeiros e Fortes (2019) argumentam que nenhuma experiência se assemelha ao morrer, especialmente quando se fala da morte de alguém em que se tem um vínculo afetivo pessoal e coletivo. Os autores comentam que a morte do outro faz o indivíduo pensar sobre a morte de si e sobre a própria finitude, e apesar de existir diversos estudos científicos e religiosos sobre este tema, o morrer é marcado por um conhecimento que é particular e intrínseco.

Campos (2013) considera importante compreender como em uma sociedade, destacada pela incapacidade de reconhecimento da falta e da finitude, exista um grande interesse pela finitude do sujeito. O ato de desafiar os limites da própria vida é uma das fantasias de vencer a morte que se apresenta na cultura contemporânea, e nota-se que é no corpo que precisa se inscrever essa vivência, seja na imagem ou na sensação, como se não fosse possível a elaboração simbólica desse conflito.

Para Camara e Bassani (2018), atualmente há um deslocamento do local de morte para os hospitais. Em outras épocas, havia um processo de longa duração em que as pessoas aprendiam a lidar com a morte, e esta ocorria em ambientes familiares, com pessoas próximas do enfermo presentes. Com essa mudança de lugar, houve um afastamento tanto sobre o tema e quanto o contato com a morte, especialmente das crianças e dos jovens. Deste modo, os autores acrescentam que o morrer foi reduzido ao sepultamento, à cremação e à mídia, havendo pouco aprendizado e diálogo sobre o processo da morte.

Desse modo, de acordo com Negrine (2014 apud FARIA; FIGUEIREDO, 2017), os pacientes não são mais levados para os hospitais apenas para serem curados, mas também para vivenciarem o morrer em um local mais adequado, sem a presença de parentes e conhecidos. Apesar de haver uma persistência do indivíduo na atitude de negar a morte, ou seja, negar a finitude humana, a morte não é pensada ou cogitada na vida cotidiana, e assim as pessoas prosseguem como se fossem imortais.

Tanto do ponto de vista da Sociologia quanto da Psicologia, presencia-se civilizações com um aumento de expectativa de vida, tanto com aparelhos que substituem seus órgãos vitais como com computadores que mantêm um controle periódico para ver se as funções fisiológicas merecem ser substituídas por equipamentos eletrônicos (ALVEZ; DULCI, 2014).

De acordo com Campos (2013) existem duas representações sociais que configuram a relação com a morte e o morrer na modernidade tardia: a morte silenciada e a morte escancarada. Entende-se que a primeira diz sobre a exclusão da problemática da morte do círculo social, ficando separada aos hospitais e instituições de saúde, e ganhando um sentido de isolamento afetivo, assepsia e negação. A segunda está relacionada à banalização da morte e da violência na cultura, visto que esta se torna um tipo de objeto de consumo e também uma geradora de aspectos persecutórios.

Dentro da cultura ocidental do século XX, buscou-se reduzir ao mínimo possível as ocupações diante da morte, havendo apenas as ações necessárias para organizar o sepultamento do corpo. Num geral, as cerimônias tradicionais são simples para evitar o extravasamento de emoções. Assim, a “boa” morte é a que não perturba a sociedade, pois esta ocorre de forma mais discreta (ARIES, 2003 apud FARIA; FIGUEIREDO, 2017).

Embora “escancarada” essa relação com a morte é também marcada por embotamentos afetivos, já que ela aparece como fetiche, como uma imagem distanciada que não nos diz respeito. Nesse sentido, implica em uma banalização da morte, que passa a bombardear o cotidiano por meio da mídia, criando uma situação de terror constante que parece já não nos afetar mais. Cabe ressaltar que a presença simultânea dessas duas representações sociais da morte na contemporaneidade cria um verdadeiro paradoxo, já que a morte própria não encontra lugar para ser elaborada, enquanto a morte do outro nos seduz cada vez mais (CAMPOS, 2013, p. 21).

Com base neste autor, entende-se que a experiência da morte tem sido isolada das relações interpessoais, mas ao mesmo tempo, em relação ao outro, é abordada pela mídia de forma banal, que possivelmente incentivam a negação e o medo de presenciar ou vivenciar o morrer. Além disso, é importante reconhecer que a religião expressa uma determinada compreensão de sentido de vida (CAMARA; BASSANI, 2018).

O tema morte é um assunto que o sujeito está constantemente evitando devido à dificuldade de discutir os significados que estão relacionados com a finitude do indivíduo, já que o ser humano tem se afastado sistematicamente de alguns temas que podem provocar angústias, e na tentativa de não sofrer ele nega a morte, porém não abandona o tormento de sua presença (FARIA; FIGUEIREDO, 2017).

Por fim, considera-se que a morte não é limitada ao fim da existência corporal, pois esta destrói também o aspecto social aplicado sobre a individualidade física (RODRIGUES, 2006 apud MEDEIROS; FORTES, 2019).

2.3.2 Narcisismo, Heroísmo e Cultura

Para Campos (2013), a cultura pode ser definida como o receptáculo dos ideais na formação do superego do sujeito. As instituições sociais que originam uma lei rígida e universal são a condição para a constituição do sujeito, pois dão o sentido das identificações que o indivíduo pode se apegar na constituição do seu ego e sublimação de seu desejo. Assim, é possível afirmar que a intenção era de que o indivíduo poderia verticalizar seu desejo investindo os ideais culturais como meta de sua identificação.

Negrine (2014, apud FARIA; FIGUEIREDO, 2017) relata que o comportamento do indivíduo sobre a morte são reflexos da sociedade, da temporalidade e da cultura em que está inserido, e assim a sua relação com a morte pode ser alterada conforme ocorrem mudanças nas nações. Durante o período da Idade Média até a metade do século XIX, algumas atitudes sofreram significativas transformações, principalmente as que dizem respeito aos sentimentos considerados tradicionais. Pode-se dizer que no passado a morte tinha uma presença marcante, e na atualidade deixa de ter espaço nos círculos de convívio da sociedade.

Campos (2013) considera importante sinalizar que a estrutura sociocultural na atualidade não responde mais aos padrões ditados pela modernidade. O autor comenta que há um certo consenso na denúncia do declínio das instituições, dos ideais coletivos e das diretrizes morais, além de um aumento do relativismo, do individualismo e da violência, e uma transitoriedade dos valores e das experiências.

A insegurança e violência das cidades, a ameaça de guerras e desastres naturais, assim como a contingência, fundamental e característica da vida humana, fazem do medo uma característica distintiva do habitante do mundo contemporâneo (ALVEZ; DULCI, 2014).

Alguns autores procuram interpretar essa mudança na relação constitutiva entre indivíduo e cultura por meio do referencial psicanalítico (Costa, 1988; Costa, 2003; Birman, 2000; Birman, 2006). Em geral essas interpretações utilizam algumas concepções oriundas das ciências sociais, como cultura do narcisismo, sociedade do espetáculo e de consumo, para sustentar um declínio das relações triangulares e Edípicas na estruturação dos modos de subjetivação da atualidade. Haveria, portanto, um declínio da função paterna na pós-modernidade, que seria visível tanto no campo da cultura como no campo das relações familiares. Assim, é a formação do superego que está comprometida nas estruturações contemporâneas, cada vez mais articuladas e sedimentadas em torno das relações duais e, portanto, narcísicas (Birman, 2000, apud CAMPOS, 2013, p. 19-20).

Entende-se que a compulsão à repetição seja uma forma de interpretação possível para a compreensão do fenômeno da morte escancarada, pois morte traumatiza o narcisismo, ao qual só pode se defender de forma maníaca, em que se ignora a falta e se ultrapassa o próprio psiquismo. Assim, tem-se o corpo cada vez mais como um lugar de embate entre a vida e a morte, ficando para o organismo a responsabilidade de lidar com o existir (CAMPOS, 2013).

O homem não aparenta ser capaz de “evitar” o seu egoísmo; parece vir de sua natureza animal. Através de inúmeras eras de evolução, o organismo tem precisado proteger sua integridade. Uma vez dada sua identidade físico-química, ele dedicou-se a preservá-la. Este é um dos principais problemas do transplante de órgãos: o organismo se protege contra a sua matéria estranha, mesmo que se trate de um novo coração que pode mantê-lo vivo. O próprio protoplasma abriga a si mesmo e adentra a si mesmo contra o mundo, contra invasões de sua integridade. Parece deleitar-se com suas próprias pulsações, expandindo-se no mundo e ingerindo parte dele. Se tomássemos um organismo cego e mudo e lhe déssemos uma consciência de si e um nome, se fizéssemos com que ele se destacasse da natureza e soubesse que era inigualável, teríamos o narcisismo. No ser humano, a identidade físico-química e a sensação de poder e atividade tornaram-se conscientes. No homem, um nível prático de narcisismo é inseparável da autoestima, de um sentimento básico de valorização de si mesmo (BECKER, 2021, p. 21).

Neste trecho, é postulado o narcisismo como uma das estruturas psíquicas que age na preservação própria do indivíduo, e que com a evolução da espécie foi se desenvolvendo a ponto de surgir elementos simbólicos que constituem esta instância. Entende-se que esta particularidade é um dos aspectos que diferencia o ser humano dos outros animais. Além disso, o autor acrescenta que esta simbologia está além da matéria, visto que o sentido de amor próprio é construído por meio de significados, palavras, imagens e valores, ou seja, pela linguagem.

O narcisismo da pós-modernidade pode ser compreendido como uma tentativa de ligação do excesso traumático da pulsão de morte por meio de um vínculo afetivo e social com o outro que não se cristaliza. Entende-se que existe um paradoxo na cultura atual, em que a individualidade necessita incessantemente do olhar do outro para se manter. Nesta lógica, é

possível dizer que esse narcisismo é destacado pela expressão e tentativa de ligação da pulsão de morte (CAMPOS, 2013).

Se na modernidade as amarras sociais representadas pelos ideais culturais garantiam uma certa contenção, ligação e simbolização da pulsão de morte, parece que a configuração social da pós-modernidade favorece uma explosão dessa pulsão da forma de violência, levando a um narcisismo extremamente danoso aos sujeitos (CAMPOS, 2013, p. 20).

Entende-se que é a partir do narcisismo que se origina o conceito de heroísmo. Este está relacionado à tentativa do ser humano de se justificar como um objeto de valor no universo, se destacar frente aos outros, ser considerado “herói”, e adquirir uma importância social que ultrapassa o tempo de sua existência. A definição de heróico é composto por um sistema de símbolos, significados, costumes, regras e papéis exercidos que se diferencia em cada cultura. Além disso, pode-se categorizar como “alto” e “baixo” heroísmo, sendo o primeiro as figuras da cultura conservadas por um período da história da humanidade, que são conceituadas como desafiadoras da morte e por isso admiradas pela sociedade, por exemplo os líderes religiosos ou políticos. Já o segundo está relacionado aos papéis exercidos pela população em grupos menores, por exemplo um homem que sustenta a própria família e exerce sua religião (BECKER, 2021).

Para Costa (2003, apud CAMPOS, 2013) a pós-modernidade trouxe uma desmontagem das instituições religiosas, sociais e culturais, colocando o relativismo e a inexistência do sujeito e de qualquer ideal de construção de uma sociedade melhor. O declínio dos ideais coletivos pode ter aproximado das suas individualidades, e a cultura da falta de limites e da violência se refere a uma regressão narcísica dos modos de subjetivação contemporâneos. Um narcisismo constitutivo é necessário para a estruturação da personalidade, porém de acordo com o autor se observa na atualidade um narcisismo reativo como forma de defesa, contra o trauma de uma cultura sem controles sociais, ou seja, um narcisismo negativo, originado pela grande violência na sociedade.

Neste sentido, entende-se que há também um questionamento maior sobre os ideais na era contemporânea, visto que as bases religiosas, políticas e culturais que estruturam o heroísmo no Ocidente estão em declínio, em consequência das guerras e atividades destrutivas causadas pelo ser humano com motivações relacionadas a estas bases. Assim, surge o que se nomeia como “anti-herói”, que são as pessoas que estruturam o seu próprio heroísmo, de forma individualista (BECKER, 2021).

2.3.3 Psicanálise e a Negação da Morte

Freud (1915/1996 apud CAMPOS, 2013) afirma que o inconsciente não retém representações negativas, e por isso seria impossível falar de uma representação direta da morte no aparelho psíquico, visto que esta significaria a ausência da vida, e com isso não seria possível ter uma memória desta. Além disso, sendo a oposição entre representações um aspecto do processo secundário e do sistema pré-consciente ou do ego, não seria possível ter no inconsciente uma representação da morte. A ideia de um desejo de morrer não poderia ser pensada como uma fantasia inconsciente, pois estas seriam mais complexas do que somente um investimento da pulsão de morte.

Entende-se que a angústia originária, ou de fragmentação, está relacionada à intensificação da pulsão de morte em um aparelho psíquico que perde as possibilidades de se ligar em representações. É a pulsão em seu estado mais puro, que busca a descarga a qualquer custo e destruindo as associações entre as representações do psiquismo, sendo um instante traumático em que o aparelho psíquico tenta se defender do desamparo diante do inominável da pulsão (CAMPOS, 2013).

Por isso, o trauma não tem representação, é um excesso que demanda sentido. A pulsão de morte pura é um sinal de morte psíquica e não morte do organismo ou do corpo. O indivíduo dominado pela pulsão de morte não deseja o morrer, na realidade ele não deseja, sendo invadido pela angústia de perda de sua personalidade. Pode-se dizer que a pura pulsão de morte está longe da melancolia ou depressão e muito mais próxima da violência psíquica em estado bruto. Portanto, não está relacionada à uma angústia de perda do objeto, e sim à desintegração do Eu. Nesse caso, se refere ao campo das psicoses e não das patologias de aspecto melancólico ou depressivo (CAMPOS, 2013).

Assim, em relação ao medo de morrer, Bauman (2008, p. 45 apud ALVEZ; DULCI, 2014) considera que apenas os seres humanos têm a consciência da inevitabilidade da morte, e assim se comportam de forma resistente e desafiadora contra o trabalho de sobreviver à aquisição desse conhecimento, vivendo com o pavor da inevitabilidade da morte, apesar de estar ciente a respeito dela.

Elisabeth Kubler-Ross (1996, p. 14) argumenta que “é inconcebível para o inconsciente imaginar um fim real para nossa vida na terra, e, se a vida tiver um fim, este será sempre atribuído a uma intervenção maligna fora de nosso alcance”, ou seja, pode-se afirmar que ninguém é capaz de pensar na própria morte. A autora acrescenta que “Aprendemos que a morte em si não é um problema para o paciente, mas o medo de morrer que nasce do

sentimento de desesperança, de desamparo e isolamento que a acompanha.” (KUBLER-ROSS, 1996, p. 276 apud ALVES; DULCI, 2014).

Segundo Freud (1925, p. 253 apud CASTRO-ARANTES, 2013), “a negação é um modo de tomar notícia do recalado”, ou seja, se anula o recalque, apesar de não se aceitar o recalado. Isso significa que é através da marca da negação que “o pensar libera-se das restrições do recalque” (Freud, p.254 apud CASTRO-ARANTES, 2013).

É possível notar que existe um argumento dentro das concepções culturais em geral, assim na atividade de tratamento de pacientes terminais, de que a morte não é uma parte da vida, como se fosse algo externo a esta e que precisa ser evitada a qualquer custo, nem que a própria vida seja transformada em apenas sobrevivência. Ou seja, se considera a morte como algo artificial e violento à vida, e essa compreensão funciona como um mínimo múltiplo comum nas diversas ideias a respeito do morrer no senso comum (ALVEZ; DULCI, 2014).

O sofrimento emocional, segundo D'Assumpção (2010 apud FARIA; FIGUEIREDO, 2017), tem uma sequência de aspectos, representados pela raiva, ansiedade, depressão e apego. A primeira promove a ansiedade, a qual fortalece a depressão, que novamente estimula a raiva, e este círculo vicioso segue os dois sentidos, intensificando cada situação. A base de apoio desse ciclo é o apego, a bens materiais, às funções de cargos, à aquisição de títulos, à autoimagem, à autossuficiência e outros. Se for possível desfazer esta sequência ou esse apoio, o círculo poderá deixar de girar e o sofrimento será significativamente diminuído ou anulado.

Para Alvez e Dulci (2014), o medo e a negatividade que acompanha o tema da morte perdem sua potência sobre a consciência quando se tira o foco do objetivo de prolongar a existência, transformando a vivência em exaustão. Para os autores, a forma de a morte não mais ter efeito na vida dos seres humanos é desenvolver uma maneira de existência que utilize as potencialidades individuais de modo que não terá mais sentido quando a morte chegar, pois a vida foi vivida e aproveitada.

2.4 Processo de Luto

Neste item, discorre-se sobre o processo de separação de objeto que ocasiona o luto, bem como a possível maneira patológica que este pode apresentar diante da perda do outro.

2.4.1 Psicanálise e o Luto

O entendimento sobre o luto não está limitado somente à morte, inclui também o conflito das sucessivas perdas reais e simbólicas durante todo o desenvolvimento humano. Pode ser vivenciado através das perdas relacionadas à dimensão física e psíquica, como os vínculos significativos com aspectos pessoais, profissionais, sociais e familiares do indivíduo. Além disso, o próprio ato de crescer, como no caso de uma criança que se torna adolescente, vem com uma dolorosa renúncia do corpo infantil e suas significações, assim como o declínio das funções orgânicas ligado com o envelhecimento. A capacidade do indivíduo se adaptar às novas realidades produzidas diante das perdas serve como modelo, compondo um repertório, reativado em experiências seguintes (CAVALCANTI; SAMCZUK; BONFIM, 2013).

A elaboração do luto consiste no contentamento à desordem que se produz pela insuficiência de elementos necessários para simbolizar o vazio criado pela existência. É o sistema de significantes que entra em questão durante o luto. No fim do trabalho, o Ego pode voltar a ser um objeto de investimento e a libido se torna livre novamente para ser investida em novos objetos. Deste modo, por mais penoso e doloroso que seja o decorrer do processo, ele chega ao fim após um período de tempo, não devendo ser considerado nem prejudicial, nem patológico. No final do trabalho de elaboração, o Ego está mais livre, menos alterado pelas retrações e inibições afetivas que restringem o seu contato com o externo (MEDEIROS; FORTES, 2019).

A ideia de uma identificação melancólica, em que o objeto é identificado como Ideal do Ego e sua libido é transformada em agressividade contra si, é um modelo para compreender as potencialidades suicidas, as estruturas melancólicas e os lutos patológicos (CAMPOS, 2013).

A partir da descrição dos quadros melancólicos, Freud afirma que dois elementos são importantes nesse tipo de patologia: os afetos depressivos e a autorrecriação do Ego. Então, se estabelece uma semelhança entre o patológico e a normalidade quando se compara a fantasia melancólica com o processo de luto. O entendimento é de que o trabalho normal do luto está associado à redistribuição da libido que antes estava investida no objeto de amor perdido (CAMPOS, 2013).

Freud (1917/1996 apud MEDEIROS; FORTES, 2019) considera que o luto é um processo precisa ser compreendido como totalmente normal, e não considerado como uma condição patológica, como é o caso dos quadros melancólicos, pois o primeiro pode ser cessado após um tempo. Ele descreve o luto como uma reação afetiva diante da separação de um objeto investido. A elaboração atravessa a necessidade de constatar que o objeto não

existe mais por meio do teste de realidade, exigindo que a libido seja retirada de suas ligações com este objeto. Esse trabalho é realizado gradualmente, demandando um grande custo de tempo e de energia.

Porém, o processo do luto pode, eventualmente, não ser satisfatório. Além de poder ocorrer o luto patológico, em que esse se torna crônico e se cristaliza, há uma semelhança com a melancolia. No caso desta, existe uma identificação com o objeto perdido. Esse é o conceito de identificação melancólica: o objeto perdido é internalizado e identificado com o Ego, de modo que o amor antes investido ao outro retorna ao Ego se invertendo em seu oposto, ou seja, num ódio pelo abandono do objeto que recai sobre o próprio Ego do sujeito. Este ideal de Ego inatingível e mortífero é o que causa a recriminação do próprio Ego, característica específica da melancolia em relação ao trabalho normal de luto (CAMPOS, 2013).

A contrapartida do processo de luto recai no sentido oposto: a tentativa psíquica de manter, de algum modo, a existência do objeto perdido. E para isso, cada lembrança e expectativa que a libido está vinculada é evocada e hiperinvestida, ao mesmo tempo que ocorre uma exigência de trabalho de desligamento de cada uma delas. Apesar disso, essa exigência manifesta dificuldades, visto que o sujeito tende a não abandonar facilmente uma posição libidinal, mesmo quando um substituto está presente na realidade (MEDEIROS; FORTES, 2019).

Essa contraposição pode ser tão intensa que dá espaço ao desvio da realidade e a um apego ao objeto por meio de uma fantasia violenta, ou uma psicose alucinatória com excesso de desejo. Assim, o luto pode manifestar um aspecto profundo ao se apresentar como um estado penoso com a perda de interesse no mundo externo e da capacidade de adotar um novo objeto de amor, ou com o afastamento de qualquer atividade que não esteja ligada ao objeto perdido (MEDEIROS; FORTES, 2019).

Por um lado, se tenta fugir da possibilidade da morte, na negação da finitude, por outro, se observa na patologia o horror disso levado às várias consequências. Na melancolia, o tempo é fixado em uma sucessão de acontecimentos no presente. O melancólico se vê imortal e vivencia sua própria existência com grande sofrimento, na angústia da imortalidade, pela maldição que se considera condenado (CASTRO-ARANTES, 2013).

Assim se considera o processo do luto, a libido se apega a seus objetos e não renuncia a seus investimentos, mesmo quando é possível encontrar um substituto, com uma intensidade ainda maior ao que sobrou, fortalecendo o investimento (MEDEIROS; FORTES, 2019).

Os lutos patológicos e as tendências suicidas que se desenvolvem ao longo da vida podem ser compreendidos como um reflexo da estruturação básica de personalidade, que se constitui por meio das identificações narcísicas e edípicas ao longo da infância. O repertório de simbolizações é que irá ressignificar os eventos traumáticos da vida do sujeito. Desse modo, uma perda poderá trazer uma nova significação para um conjunto de fantasias e afetos inconscientes do sujeito (CAMPOS, 2013).

Em relação à dor, Freud (1926/1996 apud MEDEIROS; FORTES, 2019) a explica como uma resposta real diante da perda do objeto investido, o que se diferencia da angústia, que seria considerada uma reação frente à ameaça da perda. Deste modo, para descrever o processo da dor, diferencia-se a dor física da dor psíquica, em que a primeira é consequência de uma lesão ou doença, e a segunda é originada da perda do objeto investido, não tendo influência de um ferimento ou patologia. A transformação de uma dor física em uma psíquica pode acontecer, através da mudança do investimento narcísico para o objetal.

2.4.2 Elaboração do Luto

A elaboração do luto pode ser compreendida como a fase em que há diminuição do sofrimento frente às lembranças do falecido, havendo a retomada do interesse pela vida, por parte dos amigos e familiares (ACIOLE; BERGAMO, 2019).

A perda de algum objeto amado traz, mesmo que temporária, a fragmentação e desestruturação do sujeito. Pode-se afirmar que o luto é um processo de reconstrução e reorganização diante de uma perda, desafio psíquico com o qual o sujeito tem de lidar (CAVALCANTI; SAMCZUK; BONFIM, 2013).

É um trabalho psíquico que começa com uma constatação de que o objeto em questão não existe mais. Entre o desejo de recuperar o que foi perdido e de aceitar que o que foi perdido não pode ser recuperado, encontra-se o sujeito. É um processo doloroso, que demanda tempo e elevados custos emocionais, o luto exige do indivíduo e termina com a renúncia de continuar mantendo a representação do objeto que se foi (FREUD, 1916/2006 apud CAMARA; HERZOG, 2018).

Somente quando o trabalho de retirada do investimento do objeto perdido percorreu um longo esforço, o indivíduo passa a se sentir em condições de realizar o ato de renúncia do objeto. Compreende-se a renúncia como uma fase em que o indivíduo consegue aceitar a perda, esta só é alcançada a partir do exame de realidade. Assim, a real perda se torna soberana, visto que o sujeito se depara com a impossibilidade de manter o objeto na mesma

condição de antes, ou seja, a experiência da perda de um objeto investido demanda a reação do psiquismo de um trabalho consistindo em se convencer continuamente que o objeto não pode mais ser reencontrado na realidade (CAMARA; HERZOG, 2018).

Geralmente o exame de realidade se direciona no sentido de reencontrar um objeto na realidade externa. No luto, o exame tem por objetivo evidenciar a realidade da perda daquele objeto, a elaboração do luto só começa quando cumprida esta condição. O exame de realidade no luto consiste em não reencontrar um objeto que corresponda ao representado na percepção real, e desta forma se convencer de que ele não existe mais, apesar de haver o desejo de que ele esteja presente. O investimento psíquico na representação produz a ânsia de reencontrá-lo no campo perceptivo, a não mais existência do objeto nega este reencontro. Assim, o remanejamento da libido se torna inevitável (CAMARA; HERZOG, 2018)

O trabalho de simbolizar e elaborar a perda, reencontrando novos meios e caminhos para o desejo, demanda tempo e envolve sentimentos penosos. É por meio desse trajeto que os objetos de amor podem ser desinvestidos e o sujeito passa a encontrar novos substitutos. Porém, esse procedimento não é simples, pois envolve encontrar um objeto substituto e elaborar as fantasias conscientes e inconscientes que são ativadas com a perda de objeto. Portanto, a elaboração do luto é um redimensionamento das fantasias e defesas do psiquismo, em busca de um novo equilíbrio de forças (CAMPOS, 2013).

Mesmo quando o processo de luto é considerado normal, isto não significa que não exista sofrimento ou necessidade de adaptação à nova estrutura familiar. Logo, encontrar espaços onde seja possível expressar-se livremente, compartilhar a dor e se deparar com outras pessoas que experimentam sentimentos e dificuldades semelhantes ameniza o sofrimento e favorece a busca pelas soluções dos problemas enfrentados (ACIOLE; BERGAMO, 2019).

Freud (1917/1996 apud CAMARA; HERZOG, 2018) aponta que o percurso do luto não é preencher a qualquer custo o vazio, mas entrar em acordo com ele para elaborá-lo a fim de poder investir em novos objetos. Pode-se dizer que o desvio do luto não é conviver com o vazio e transformá-lo num espaço de potenciais, e sim preenchê-lo imediatamente com qualquer coisa que ofereça ao sujeito a possibilidade de recusar a perda sofrida (CAMARA; HERZOG, 2018).

Conforme aponta Silva (2015 apud CAMARA; HERZOG, 2018), a cultura contemporânea se mostra eficaz em permitir ou estimular o indivíduo a recusar uma experiência de perda, e conseqüentemente a se abster do processo do luto. Neste sentido, à disposição desta recusa do luto, são disponibilizadas coisas novas e substitutivas, com a única

função de preencher o vazio, sejam essas coisas mercadorias, medicamentos, sensações e pessoas.

O caminho do tratamento psicológico, na abordagem psicanalítica, é o de se constituir em um lugar para a escuta, e Freud diz respeito a um suporte ativo. É possível, com o paciente, acompanhar ele nesse ponto limite da existência, no processo de elaboração psíquica de seus aspectos subjetivos. Trata-se da construção, da cristalização de algo, ou seja, da escrita mesma da história do sujeito. É um trabalho do paciente de mobilização e fortalecimento dos recursos subjetivos, na busca de um saber próprio para lidar com a morte. Além disso, o processo abarca também o acompanhamento dos familiares nesse momento crucial (CASTRO-ARANTES, 2013).

A ausência de prática religiosa também pode estar relacionada a dificuldade de elaboração do luto. Acreditar num ser superior que acolhe a pessoa amada, e para muitos o conforto suficiente para dar conta da situação e não apenas em relação aos que morreram, mas também como força necessária para que os enlutados possam dar continuidade a própria vida (CAMARA; BASSANI, 2018).

O desligamento do investimento no objeto perdido pode proporcionar a redução da ânsia de reencontrá-lo no mundo. Esta pode trazer maiores condições para o exame de realidade se fortalecer, uma vez que o sujeito pode renunciar a manter o objeto na mesma posição libidinal de outro momento. Assim, do reconhecimento da perda do objeto até renúncia do desejo de recuperá-lo, com base na perspectiva do exame de realidade, o luto é um processo de convencimento da realidade efetiva da perda (CAMARA; HERZOG, 2018).

O luto exige um tempo de recolhimento, que causa o contato do sujeito com sentimentos penosos e uma inibição que limita sua margem de ação (CAMARA, 2015, apud CAMARA; HERZOG, 2018).

3. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

A partir da literatura apresentada, é possível obter um entendimento sobre a questão da morte e do luto. Neste item, serão discutidas e interpretadas as principais concepções dos autores sobre este tema na abordagem psicanalítica, com foco nos objetivos do presente trabalho para que se obtenha maior clareza nas considerações.

3.1 A Negação da Morte

Como já foi discorrido, é possível observar algumas particularidades na contemporaneidade em relação ao tema da morte. Num geral, têm-se evitado com maior frequência e intensidade entrar em contato com sentimentos mais penosos, mesmo com a consciência de que o morrer é um acontecimento inevitável e inerente à vida. No Quadro I, são destacadas as principais perspectivas dos autores sobre as transformações na cultura.

Quadro I. Causas individuais e coletivas da negação da morte.

Autor	Ano	Título	Resultado
ARIES	2003	História da Morte no Ocidente	Dentro da cultura ocidental do século XX, buscou-se reduzir ao mínimo possível as ocupações diante da morte, havendo apenas as ações necessárias para organizar o sepultamento do corpo. Num geral, as cerimônias tradicionais são simples para evitar o extravasamento de emoções. Assim, a “boa” morte é a que não perturba a sociedade, pois esta ocorre de forma mais discreta
CAMPOS	2013	Considerações sobre a morte e o luto na psicanálise.	Há uma mudança gradual no modo que a morte tem sido significada no Ocidente, pois a concepção de uma morte que possuía uma grande diversidade de símbolos e rituais que determinavam um

			espaço social para a morte foi aos poucos perdendo espaço para práticas que tendiam a isolar a morte do processo da vida. O avanço da medicina e da tecnologia pode ter provocado um distanciamento sobre o tema da morte entre os indivíduos.
FARIA; FIGUEIREDO.	2017	Aspectos emocionais do luto e da morte em profissionais da equipe de saúde no contexto hospitalar.	A morte deixou de ser vista como algo natural que está inserido no contexto de todas os indivíduos e passou a ser tratada como um tabu, que todos se esquivam de falar ou comentar nos meios sociais, e assim só se reflete sobre isto nos velórios, nas emoções e sentimentos, e nas manifestações do luto.
CAMARA; BASSANI.	2018	Estudos em psicologia sobre morte, luto, religião e espiritualidade: uma revisão da literatura brasileira.	Há um deslocamento do local de morte para os hospitais. Em outras épocas, havia um processo de longa duração em que as pessoas aprendiam a lidar com a morte, e esta ocorria em ambientes familiares, com pessoas próximas do enfermo presentes. Com essa mudança de lugar, houve um afastamento tanto sobre o tema e quanto o contato com a morte, especialmente das crianças e dos jovens. Deste modo, os autores acrescentam que o morrer foi reduzido ao sepultamento, à cremação e à mídia, havendo pouco aprendizado e diálogo sobre o processo da morte.
XU et al.	2018	Deaths: Final data for 2016.	O avanço das ciências da saúde e saneamento básico que iniciou no fim do século XIX trouxe grandes mudanças na expectativa de vida das populações até a atualidade, muitas doenças que antes causavam a morte dos jovens não são tão fatais hoje, e assim o morrer se tornou mais frequente após os 65 anos de idade.

Fonte: Própria

As alterações socioeconômicas no Ocidente que ocorreram no último século podem ter impactado e direcionado a atenção da sociedade para um lado contrário ao da morte, causando um distanciamento entre as pessoas e o tema. Os autores aparentam ter perspectivas semelhantes sobre a questão, em que o progresso das ciências da saúde e da tecnologia tem proporcionado uma menor probabilidade de morte na população, e que o morrer tem se

isolado a lugares específicos e após uma determinada idade, o que era antes visto com mais frequência e em mais lugares.

Este afastamento gradual é compreensível tendo em vista as descobertas de recursos que, além de poderem curar diversas condições, são capazes de evitar o contato das pessoas com os sentimentos decorrentes da perda ou do morrer, porém é possível dizer que seria apenas uma esquivia temporária deste acontecimento, e as dificuldades de lidar com o perecimento se exacerbam.

Estas modificações na cultura dialogam diretamente com a subjetividade, deste modo é possível afirmar que é inevitável que se tenha impactos psicológicos no ser humano, considerando os elementos presentes ou ocultos no ambiente em que o sujeito está inserido. De acordo com o Quadro II, é possível compreender os fatores psíquicos relacionados à recusa do tema da morte.

Quadro II. Conceitos e aspectos psicológicos da recusa da morte.

Autor	Ano	Título	Resultado
FREUD	1915/1996	O Inconsciente.	O inconsciente não retém representações negativas, e por isso não é possível falar de uma representação direta da morte no aparelho psíquico, pois significaria a ausência da vida, e com isso não seria possível ter uma memória desta. Sendo a oposição entre representações um aspecto do processo secundário e do sistema pré-consciente ou do ego, não seria possível ter no inconsciente uma representação da morte.
COSTA	2003	Violência e psicanálise.	A pós-modernidade trouxe uma desmontagem das instituições religiosas, sociais e culturais, colocando o relativismo e a inexistência do sujeito e de qualquer ideal de construção de uma sociedade melhor. O declínio dos ideais coletivos pode ter aproximado das suas individualidades, e a cultura da falta de limites e da violência se refere a uma regressão narcísica dos modos de subjetivação contemporâneos. Um narcisismo constitutivo é necessário para a estruturação da personalidade, porém se observa um narcisismo reativo como forma de defesa, contra o trauma de uma cultura sem controles sociais, ou

			seja, um narcisismo negativo, originado pela grande violência na sociedade.
CAMPOS	2013	Considerações sobre a morte e o luto na psicanálise.	A angústia originária está relacionada à intensificação da pulsão de morte em um aparelho psíquico que perde as possibilidades de se ligar em representações. É a pulsão em seu estado mais puro, que busca a descarga a qualquer custo e destruindo as associações entre as representações do psiquismo, sendo um instante traumático em que o aparelho psíquico tenta se defender do desamparo diante do inominável da pulsão.
BECKER	2021	A Negação da Morte: uma abordagem psicológica da finitude humana.	Há um questionamento maior sobre os ideais na era contemporânea, visto que as bases religiosas, políticas e culturais que estruturam o heroísmo no Ocidente estão em declínio, em consequência das guerras e atividades destrutivas causadas pelo ser humano com motivações relacionadas a estas bases.

Fonte: Própria

Como forma de explicar os fenômenos relacionados a morte, Freud (1915/1996) argumenta sobre a impossibilidade de se construir uma representação da morte no psiquismo. Entende-se que isso significa uma dificuldade natural do ser humano em lidar com o morrer, e que a tendência do sujeito é a busca por uma autopreservação.

Costa (2003) e Becker (2021) apresentam argumentos semelhantes sobre a condição da mente humana atual. Ambos relatam uma desconstrução das instituições sociais e culturais, que eram uma representação que sustentavam um sentido de vida e de continuidade da civilização, devido aos diversos acontecimentos que envolvem guerras e desigualdades socioeconômicas.

Estas circunstâncias podem ter mudado gradualmente o direcionamento do investimento pulsional dos indivíduos, em que antes havia uma maior priorização dos grupos que pertenciam o sujeito, e atualmente há uma maior valorização do Eu. A partir do entendimento de Campos (2013), que descreve sobre a angústia originária, é possível dizer que esta alteração foi uma forma do aparelho psíquico lidar com a sensação de desamparo gerado pela falta de sentido de existência, na tentativa de retornar à um certo equilíbrio da mente, de acordo com o princípio da constância.

3.2 O Processo de Elaboração do Luto

O luto é um processo inevitável e pode difícil de lidar devido sua capacidade de gerar dor psíquica. No Quadro III estão pontuados os principais conceitos na abordagem psicanalítica sobre o luto para um melhor entendimento sobre o tema.

Quadro III. Concepções psicanalíticas sobre o processo de elaboração do luto.

Autor	Ano	Título	Resultado
FREUD	1917/1996	Luto e melancolia.	O luto é um processo precisa ser compreendido como totalmente normal, e não considerado como uma condição patológica, como é o caso dos quadros melancólicos, pois o primeiro pode ser cessado após um tempo. Ele descreve o luto como uma reação afetiva diante da separação de um objeto investido.
CAVALCANT I; SAMCZUK; BONFIM.	2013	O conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein.	O entendimento sobre o luto não está limitado somente à morte, inclui também o conflito das sucessivas perdas reais e simbólicas durante todo o desenvolvimento humano. Pode ser vivenciado através das perdas relacionadas à dimensão física e psíquica, como os vínculos significativos com aspectos pessoais, profissionais, sociais e familiares do indivíduo.
CAMPOS	2013	Considerações sobre a morte e o luto na psicanálise.	A ideia de uma identificação melancólica, em que o objeto é identificado como Ideal do Ego e sua libido é transformada em agressividade contra si, é um modelo para compreender as potencialidades suicidas, as estruturas melancólicas e os lutos patológicos.
MEDEIROS; FORTES.	2019	A dor do luto: perspectivas psicanalíticas.	A elaboração do luto consiste no contentamento à desordem que se produz pela insuficiência de elementos necessários para simbolizar o vazio criado pela existência. É o sistema de significantes que entra em questão durante o luto.

Fonte: Própria

Considerando que o luto pode ocorrer em diversos momentos da vida, Freud (1917/1996) considera o luto como um acontecimento normal e que tende a ser elaborado

com o tempo. Entende-se que havia um investimento pulsional na representação do objeto no aparelho psíquico, e que quando ocorre a perda, seja pela morte, rompimento de relações ou pela perda de sentido de algo, a pulsão permanece tentando ser investida, mas é interrompida pela inexistência do objeto e começa a acumular energia psíquica, até originar angústias.

Deste modo, a mente busca meios de descarregar essas pulsões, podendo ser contra si ou contra um outro. Campos (2013) discorre sobre este movimento desta energia psíquica direcionada contra o próprio Eu de forma agressiva, que configuraria uma forma patológica. Este caso se refere à melancolia, em que há a perda de interesse também pelo mundo interno, e não somente pelo externo como ocorre no luto.

Conforme Cavalcanti, Samczuk e Bonfim (2013), ao se discutir sobre o luto, é comum que se pense sobretudo na morte de alguém importante para um indivíduo, porém este fenômeno ocorre em diversos momentos do desenvolvimento humano, pois a perda não é necessariamente ligada à uma pessoa, pode estar relacionada a um objeto material, um papel que era desempenhado pelo sujeito, uma imagem infantil de si que está sendo transformada na puberdade, uma perspectiva ou idealização que se tinha sobre algo, entre outras possibilidades.

De acordo com Medeiros e Fortes (2019), é possível dizer que o processo de elaboração do luto só poderia iniciar quando o indivíduo interromper o uso da negação como mecanismo de defesa contra as angústias provocadas pela falta de significados.

Assim, é inevitável que se torne um procedimento árduo, penoso e que demanda certo tempo. No Quadro IV estão descritas as interpretações dos principais autores.

Quadro IV. Funcionamento do processo de elaboração do luto.

Autor	Ano	Título	Resultado
FREUD	1916/2006	Sobre a transitoriedade.	É um trabalho psíquico que começa com uma constatação de que o objeto em questão não existe mais. É um processo doloroso, que demanda tempo e elevados custos emocionais, o luto exige do indivíduo e termina com a renúncia de continuar mantendo a representação do objeto que se foi.
CAMPOS	2013	Considerações sobre a morte e o luto na psicanálise.	O trabalho de simbolizar e elaborar a perda, reencontrando novos meios e caminhos para o desejo, demanda tempo e envolve sentimentos penosos. É por meio desse trajeto que os objetos de amor podem ser desinvestidos e o

			<p>sujeito passa a encontrar novos substitutos. Porém, esse procedimento não é simples, pois envolve encontrar um objeto substituto e elaborar as fantasias conscientes e inconscientes que são ativadas com a perda de objeto. Portanto, a elaboração do luto é um redimensionamento das fantasias e defesas do psiquismo, em busca de um novo equilíbrio de forças.</p>
CAMARA; HERZOG	2018	<p>A realidade da perda: considerações sobre o luto e o exame de realidade.</p>	<p>Somente quando o trabalho de retirada do investimento do objeto perdido percorreu um longo esforço, o indivíduo passa a se sentir em condições de realizar o ato de renúncia do objeto. Compreende-se a renúncia como uma fase em que o indivíduo consegue aceitar a perda, esta só é alcançada a partir do exame de realidade. Assim, a real perda se torna soberana, visto que o sujeito se depara com a impossibilidade de manter o objeto na mesma condição de antes, ou seja, a experiência da perda de um objeto investido demanda a reação do psiquismo de um trabalho consistindo em se convencer continuamente que o objeto não pode mais ser reencontrado na realidade.</p>
ACIOLE; BERGAMO.	2019	<p>Cuidado à família enlutada: uma ação pública necessária.</p>	<p>Mesmo quando o processo de luto é considerado normal, isto não significa que não exista sofrimento ou necessidade de adaptação à nova estrutura familiar. Logo, encontrar espaços onde seja possível expressar-se livremente, compartilhar a dor e se deparar com outras pessoas que experimentam sentimentos e dificuldades semelhantes ameniza o sofrimento e favorece a busca pelas soluções dos problemas enfrentados.</p>
MEDEIROS; FORTES	2019	<p>A dor do luto: perspectivas psicanalíticas.</p>	<p>No fim do trabalho, o Ego pode voltar a ser um objeto de investimento e a libido se torna livre novamente para ser investida em novos objetos. Deste modo, por mais penoso e doloroso que seja o decorrer do processo, ele chega ao fim após um período de tempo, não devendo ser considerado nem prejudicial, nem patológico. No final do trabalho de elaboração, o Ego está mais</p>

			livre, menos alterado pelas retrações e inibições afetivas que restringem o seu contato com o externo.
--	--	--	--

Fonte: Própria

Como explicitado por Freud (1916/2006), processo de elaboração do luto pode começar a partir da certeza de que o objeto não está mais presente materialmente. A esperança de que este objeto volte em algum momento pode ser uma forma de negação da perda, especialmente pela tendência humana de evitar, em alguma medida, o desprazer e a dor, porém, como acrescenta Campos (2013), entrar em contato com estes sentimentos penosos é necessário para a elaboração. É a partir deste movimento que se pode haver alguma transformação e encontrar meios de simbolizar os acontecimentos vivenciados.

Neste sentido, Camara e Herzog (2018) argumentam que uma escuta qualificada possibilita uma retirada gradativa do investimento do objeto e auxiliar o sujeito a se aproximar da aceitação, sempre buscando um exame da realidade atual e reforçando a improbabilidade do retorno real do objeto.

Aciole e Bergamo (2019) relatam sobre a importância das famílias dos indivíduos na simbolização e no acolhimento, que podem contribuir na elaboração do luto caso também proporcionem um espaço para compartilhar as angústias. Isto possibilita tornar o processo menos solitário e pode auxiliar na resolução dos conflitos internos e externos.

A abordagem psicanalítica é uma das linhas teóricas da Psicologia que proporciona um local de escuta qualificada para estes aspectos relacionados ao luto. Após um período de trabalho sobre este assunto com o sujeito, segundo Medeiros e Fortes (2019), será possível que ele consiga criar novos vínculos e afetos, construir novos investimentos pulsionais e voltar a sentir prazer nas diversas atividades da vida.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A morte é um fenômeno que faz parte da vida, e que naturalmente apresenta dificuldades em sua abordagem. Há diversos elementos que impedem que o ser humano aceite com facilidade o fim da própria vida ou do outro, e isso tem se intensificado na contemporaneidade. Isso não significa que em algum dia não houve complicações em lidar com este tema, contudo as perspectivas sobre o morrer se alteram conforme a cultura, e na atualidade é possível observar uma maior negação da morte.

Com base nos estudos apresentados, é possível concluir que há diversos fatores que direcionaram a população a um isolamento do processo de morte, bem como todos os sentimentos relacionados a perda, o que produz mais obstáculos quando uma pessoa inevitavelmente entra em contato com este acontecimento.

Na abordagem psicanalítica, esta questão apresenta mais desafios diante de uma sociedade que tem aprendido a buscar soluções mais rápidas, considerando parcialmente a qualidade. Quando se trata de aspectos psicológicos, o tempo se torna um elemento fundamental para a transformação de si, assim como é na elaboração do luto, em que necessita de um período para conseguir reduzir as angústias e simbolizar as situações vivenciadas.

Tendo em vista o pouco diálogo que se tem sobre este assunto, foi observado certa escassez de materiais sobre este tema, além de um intervalo de tempo considerável entre os trabalhos executados, trazendo dificuldades em buscar publicações mais recentes. Porém acredita-se que o presente trabalho contribua para maior visibilidade sobre este evento da vida tão importante e desafiador. É uma travessia intrínseca à existência que precisa de maior atenção para torná-la mais suportável e, possivelmente, menos dolorosa.

REFERÊNCIAS

ACIOLE, G. G. BERGAMO, D. C. Cuidado à família enlutada: uma ação pública necessária. **Saúde em Debate**, v. 43, n. 122, pp. 805-818, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-1104201912212>. Acessado em: 08 junho 2022.

ALVES, C. B.; DULCI, P. L. Quando a morte não tem mais poder: Considerações sobre uma obra de Elisabeth Kübler-Ross. **Revista Bioética**, v. 22, n. 2, pp. 262-270, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-80422014222007>. Acesso em: 02 junho 2022.

ARIES, P. **História da Morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BAUMAN, Z. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

BECKER, E. **A Negação da Morte: Uma Abordagem Psicológica da Finitude Humana**. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2021.

BERGERET, J. **Psicopatologia: teoria e clínica**. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BRASIL, **Ministério da Saúde**. Gabinete do Ministro. Painel Coronavírus. Brasília, 2022.

CAMARA, S. L.; BASSANI, M. A. Estudos em psicologia sobre morte, luto, religião e espiritualidade: uma revisão da literatura brasileira. Bol. - **Acad. Paul. Psicol.**, São Paulo, v. 39, n. 96, p. 129-140, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2019000100013&lng=pt&nrm=iso. Acessado em: 01 junho 2022.

CAMARA, L. **Um estudo metapsicológico sobre a inibição** (dissertação de mestrado). Curso de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

CAMARA, L; HERZOG, R. A realidade da perda: considerações sobre o luto e o exame de realidade. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 3, p. 561-578, 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652018000300009&lng=pt&nrm=iso. Acessado em: 24 jun. 2022.

CAMPOS, É. B. V. Considerações sobre a morte e o luto na psicanálise. **Rev. Psicol. UNESP**, Assis, v. 12, n. 1, p. 13-24, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-90442013000100003&lng=pt&nrm=iso. Acessado em: 02 junho 2022.

CASTRO-ARANTES, J. Os feitos não morrem: psicanálise e cuidados ao fim da vida. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**. v. 19, n. 3, pp. 637-662, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982016003013>. Acessado em: 08 junho 2022.

CAVALCANTI, A. K. S.; SAMCZUK, M. L.; BONFIM, T. E. O conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein. **Psicol inf.**, São Paulo, v. 17, n. 17, p. 105, 2013. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092013000200007&lng=pt&nrm=iso. Acessado em: 24 jun. 2022.

CORDIOLI, A. V. GREVET, E. H. (org.). **Psicoterapias: Abordagens Atuais**. 4. e Alegre: Artmed, 2019.

COSTA, J. F. **Violência e psicanálise**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

D'ASSUMPÇÃO, E. A. **Sobre o viver e o morrer: Manual de Tanatologia e Biotanatologia para os que partem e os que ficam**. Petrópolis: Vozes, 2010.

FARIA, S. S.; FIGUEREIDO, J. S. Aspectos emocionais do luto e da morte em profissionais da equipe de saúde no contexto hospitalar. **Psicol. hosp.**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 44-66, 2017. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-74092017000100005&lng=pt&nrm=iso. Acessado em: 27 maio 2022.

FREUD, S. **O inconsciente**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (v. XIV, pp.163-222). Trabalho original publicado em 1915. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. **Sobre a transitoriedade**. Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 14. Trabalho original publicado em 1916. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. **Luto e melancolia**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (v. XIV, pp.245-266). Trabalho original publicado em 1917. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. **Inibição, Sintoma e Angústia**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XX, pp-81-174). Trabalho original publicado em 1926. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HOMEM, M. **Lupa da Alma: Quarentena-revelação: Maria Homem**. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2020.

KUBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes**. 7a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MCWILLIAMS, N. **Diagnóstico Psicanalítico: Entendendo a Estrutura da Personalidade no Processo Clínico – Revisão Técnica**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

MEDEIROS, C.; FORTES, I. A dor do luto: perspectivas psicanalíticas. **Trivium**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 222-234, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912019000200010&lng=pt&nrm=iso. ISSN 2176-4891. Acessado em: 04 jun. 2022.

NEGRINE, M. A significação da morte: um olhar sobre a finitude. **Revista Sociais e Humanas**, Santa Maria, v. 27, n. 1, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/6592/pdf>. Acesso em: 02 jun. 2022.

NEVES, J. L. **Pesquisa qualitativa** – características, uso e possibilidades. Cadernos de pesquisa em administração, São Paulo. V. 1, nº 3, 2ºsem. 1996

PAPALIA, D. E. MARTORELL, G. **Desenvolvimento Humano**. 14. ed. Porto Alegre: AMGH, 2022.

RODRIGUES, J.C. **O tabu da morte**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2006.

SILVA, P. S. L. **A propósito de Caminhos e descaminhos do luto**. Cadernos de Psicanálise, 37(32), 9-13. Rio de Janeiro: CPRJ, 2015.

XU, J. Q.; MURPHY, S. L.; KOCHANNEK, K. D.; BASTIAN, B.; ARIAS, E. Deaths: Final data for 2016. National Vital Statistics Reports, 67(5), 1-76. Hyattsville, MD: National Center for Health Statistics, 2018.

ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos Psicanalíticos: Teoria, Técnica e Clínica** - Uma Abordagem Didática. Porto Alegre: Artmed, 2014.